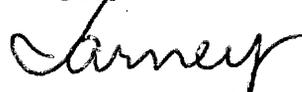


12 JUL 1989

JORNAL DE BRASÍLIA

Medidas extremas

Haroldo Hollanda



Antes de viajar a Paris, em conversas com políticos que gozam de sua confiança pessoal, o presidente José Sarney advertiu a eles que, se houver um agravamento no quadro econômico e social do País, em decorrência da inflação crescente, está disposto a lançar mão de todos os recursos legais para assegurar o coroamento do processo de transição democrática, que só se completará com a eleição e posse do seu sucessor. Entre as medidas constitucionais a que poderá recorrer, o Presidente da República, dependendo do grau de agravamento da situação, não exclui a possibilidade da decretação do estado de sítio, a fim de ver cumprido o calendário eleitoral estabelecido. Quando se faz menção ao fato de que uma eleição em estado de sítio, com as garantias individuais suspensas, poderia descaracterizar o pleito, o político que nos transmite essas informações, responde com uma indagação: "O que é melhor: não ter eleição ou ter eleição ainda que em estado de sítio?". Sarney também não admite, em qualquer caso,

a hipótese da redução de seu mandato.

A preocupação com a delicada situação econômica e social em que vive o Brasil neste momento é crescente entre políticos de todas as tendências. Mesmo entre os íntimos de Sarney nota-se profundo sentimento de apreensão, com vários políticos que com ele dialogam com frequência achando que não há razões para otimismo. As previsões para este mês são de uma taxa de inflação que nunca será inferior a 30%. Se em julho as perspectivas não são nada animadoras, indaga-se o que acontecerá com a inflação nos próximos três a quatro meses, período que justamente antecederá a disputa eleitoral de 15 de novembro. A exemplo do que aconteceu com Alfonsín na Argentina, a Sarney faltaria autoridade política e, acima de tudo, credibilidade popular para dar um novo choque na economia, capaz de evitar taxas asfixiantes de inflação nos próximos meses. Só um novo governo, cuja posse está prevista para 15 de março do próximo ano, teria o necessá-

rio respaldo político e o indispensável apoio das ruas para adotar as medidas econômicas urgentes que o momento requer.

Um entendimento entre diferentes forças políticas se revela difícil a esta altura, tendo em vista que a campanha eleitoral já se acha praticamente iniciada e definida, com os candidatos à Presidência da República lançados por todos os partidos. O senador Marco Maciel costuma dizer e repetir que pacto agora só o das urnas, traduzindo com essas suas palavras total descrença num grande acordo nacional, antes das eleições de novembro. Mas, quando Sarney admite o recurso ao estado de sítio, é que nem ele próprio confia no êxito da atual política de reindexação da economia, que promete levar com a barriga a presente situação até a posse do novo governo. Sarney não admite também a hipótese da redução do seu mandato para antecipar a posse do seu sucessor. Governará, mesmo que em estado de sítio, mas não abdicará um só dia do seu mandato.